

FONTE : JB

CLASS. : 338

DATA : 31 03 88

PG. : 16

Funai denuncia matança de índios ticunas em disputa com fazendeiros

Três índios mortos, 15 desaparecidos e 17 feridos, entre eles, a menina Leila Marcos, de 3 anos, que está internada em estado grave no hospital de Tabatinga, no Alto Solimões, na fronteira do Amazonas com a Colômbia. Este é o saldo até agora, segundo a Funai, do conflito entre índios ticunas e brancos ocorrido na tarde da última segunda-feira. "Foi um massacre", disse o delegado Ismar, da Polícia Federal de Tabatinga, que estima em 15 o número de ticunas mortos.

A disputa pela terra provocou o conflito e a situação na região continua tensa, informou ontem, por telefone, João Correia de Oliveira, prefeito do município de Benjamin Constant, cuja capital fica a cerca de 30 quilômetros do local onde ocorreram as mortes. O prefeito, que enviou telegramas ao ministro da Justiça Paulo Brossard e ao presidente José Sarney pedindo auxílio, culpou a Funai pelo problema.

João Correia de Oliveira disse que a Funai adotou na região uma política de desapropriação de terras que privilegia os índios. Ele fez questão de dizer que os ticunas — estimados em cerca de 20 mil — sempre foram pacíficos. O conflito de segunda-feira, que é fruto dessa situação, tem duas versões. O prefeito e o industrial Francisco Carvalho de Oliveira, que trabalha no ramo da madeira, afirmam que os ticunas vinham ameaçando a família do dono da fazenda Capacete, Oscar Castelo Branco.

Versões — "Em 1986, a Funai disse que essa propriedade, de 17 mil hectares, era área indígena, mas como pode dizer isso se não houve demarcação?", pergunta Francisco de Oliveira, conhecido como Chico Batista. Os índios ficaram de voltar na segunda-feira, depois de terem amarrado a mulher de Castelo Branco na semana anterior. Foram recebidos com tiros.

A outra versão, da Funai e da Polícia Federal, diz que cerca de 50 ticunas, entre eles mulheres e crianças, estavam reunidos na casa do índio Flores, em Capacete, para um *ijuri*, espécie de trabalho comunitário na roça, quando foram cercados pelos brancos. Desarmados, os ticunas foram baleados e perseguidos quando tentavam fugir pelo rio Solimões.

Vinte e quatro horas após o incidente, a Polícia Federal apreendeu um "verdadeiro arsenal", inclusive escopetas e rifles Winchester, informou o delegado Ismar, em mãos dos 19 brancos envolvidos no crime, que deverão ser indiciados no inquérito policial aberto ontem. A gravidade da situação no Alto Solimões levou o diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, a se deslocar à noite para Manaus, de onde acompanhará as investigações.

Intervenção — O presidente da Funai, Romero Jucá Filho, determinou a imediata intervenção da 5ª Superintendência Executiva Regional, sediada em Manaus, na apuração do conflito. Jucá defendeu a instalação imediata do Projeto Calha Norte na região para evitar novos confrontos. Ele disse ter recebido informações da administração regional da Funai em Tabatinga que elementos estranhos teriam insuflado os "posseiros" a se insurgir contra as indenizações fixadas pelo órgão.

A Superintendência da Funai em Manaus acusou a Pastoral da Terra de incitar os posseiros a permanecerem nas terras dos índios e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) de incitar os índios a expulsarem os posseiros à força. O Cimi divulgou nota exigindo a imediata instauração de inquérito policial para apurar não só a autoria do crime como também a eventual responsabilidade dos funcionários da Funai pela falta de providências para evitar as mortes de segunda-feira.